CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
MARTIN SCORSESE, ENTRE A RAIVA E O SILÊNCIO
9 e 12 de setembro de 2026

THE LAST TEMPTATION OF CHRIST / 1988

A Última Tentação de Cristo

Um filme de Martin Scorsese

Realização: Martin Scorsese / Argumento: Paul Schrader, segundo o romance de Nikos Kazantzakis / Fotografia: Michael Ballhaus / Montagem: Thelma Schoonmaker / Música: Peter Gabriel / Direcção Artística: John Beard / Intérpretes: Willem Dafoe (Jesus), Harvey Keitel (Judas), Paul Greco (um zelota), Steven Hill (um centurião), Verna Bloom (Maria, mãe de Cristo), Barbara Hershey (Maria Madalena), Roberts Blossom (o velho mestre), Barry Miller (Jeroboam), Gary Basaraba (Apóstolo André), Irvin Kershner (Zebedeu), Victor Argo (Apóstolo Pedro), Michael Been (Apóstolo João), Paul Herman (Apóstolo Filipe), John Lurie (Apóstolo Tiago), Leo Burmeister (Apóstolo Nataniel), André Gregory (João Batista), Peggy Gormley (Marta, irmã de Lázaro), Randy Danson (Maria, irmã de Lázaro), Thomas Arana (Lázaro), Alan Rosenberg (Apóstolo Tomás), Nehemiah Persoff (um rabi), Donald Hodson (um saduceu), Harry Dean Stanton (Saul/Paulo), Peter Berling (um mendigo), David Bowie (Pôncio Pilatos), Juliette Caton (o Anjo).

Produção: Barbara de Fina, para a Universal Internacional / Cópia: 35mm, colorida, legendada em finlandês e sueco e eletronicamente em português, 164 minutos / Estreia em Portugal: Alfa, Apolo 70, Mundial e São Jorge, em 23 de Setembro de 1988.

A polémica que **The Last Temptation of Christ** gerou é conhecida dos cinéfilos. O livro "Scorsese por Scorsese" dá conta de todos os incidentes a que deu origem a sua exibição, em particular nos EUA, e que se desencadeou um pouco por todo o lado, com boicotes de ordem vária. E no entanto é preciso ser muito cego (não há maior cego do que aquele que não quer ver, permita-se-me o lugar comum) para não ver em **The Last Temptation** o filme de um crente, uma manifestação de fé, como o era também a ingénua encenação iconográfica de Cecil B. DeMille em **The King of Kings**. O que distingue o filme de Scorsese das outras versões da vida de Cristo é que estas tomam como ponto de partida a ideia de um Deus feito homem que tem consciência da sua origem e do seu destino, enquanto que a de Scorsese, parte de um Homem que a pouco e pouco vai tomando conhecimento da sua missão divina. É um Cristo humano, demasiado humano, que enfrenta a dúvida e o medo, a dúvida de ser antes um joguete do demónio (*"Lúcifer está em mim, e diz-me que não sou o filho de Maria e José, mas que sou filho de Deus, que sou Deus"*) que o seduz com o orgulho de ser filho de Deus, e o medo de enfrentar a prova decisiva. É nesta condição que a "última tentação" é a prova maior, porque lhe oferece o anonimato, a tranquila vida de família e, principalmente, o espírito liberto de dúvidas, aceitando a sua condição humana. E se a sequência é a mais sujeita a polémica e aos ataques dos integristas é menos pelas imagens eróticas (a sua manifestação aparente) do que pelo papel da Igreja que nascia e a sua utilização da figura e do martírio de Cristo para a sua consolidação. O momento chave é menos a revelação por Judas do demónio figurado no anjo da guarda, e mais o encontro de Jesus com Saul, o zelota convertido em Paulo e verdadeiro fundador da Igreja, em contraste com um apagado e temeroso Pedro. O que aí se diz é a base de toda a doutrina, e quando

Paulo diz *"se for preciso crucifico-te e ressuscito-te... O meu Jesus é mais importante"*, estabelece os dogmas (não é o sacrifício da missa a constante repetição da morte e ressurreição de Cristo?). *"Ainda bem que te conheci. Agora posso esquecer-te"*, acrescenta Paulo escarninho. A imagem do homem desaparece, para ficar apenas a do Deus. Esta fúria e obsessão de Paulo pela Ideia, contra a sua presença material (o defensor mais feroz é sempre o convertido) eram já as pedras basilares do belíssimo livro de Teixeira de Pascoaes.

Scorsese, porém, porta-se de forma mais ortodoxa do que os seus detractores querem fazer crer. A divindade de Cristo no seu filme é apenas posta em dúvida por ele próprio. Hesita e muda de rumo como qualquer homem vulgar. À manifestação de amor no começo, aceitando a própria condenação de Judas sem resistência, sucede a cólera e a ira depois da purificação no deserto. A mão estendida traz agora um machado: *"Venho pregar a guerra"*. Julga de facto que o seu destino é destruir Jerusalém em três dias. E o temor ocupa-lhe a alma quando compreende que o templo a derrubar é o seu próprio corpo e não a cidade. O "olhar" da câmara de Scorsese retira-nos, porém, qualquer dúvida sobre a posição do realizador. Todos os momentos de crise decisivos são filmados em *plongée*, com frequência rigorosamente perpendiculares. Este olhar de cima é, desde sempre, comparado a um "olhar de Deus", e todo o movimento de abertura é semelhante (embora por ordem inversa) ao de **The Night of the Hunter** de Charles Laughton. Neste, um longo travelling aéreo acompanha o carro até um corte brusco nos apresentar o rosto do pregador. Em **The Last Temptation...** um velocíssimo *travelling* lateral é de súbito interrompido pela *plongée* sobre Jesus sofrendo um dos ataques. Scorsese utiliza esse "olhar de Deus" em todos os momentos de crise, sublinhando o "peso" da divindade sobre o homem. Ele crê nesse peso, na dimensão divina do personagem, mas está ao lado do homem, partilhando as suas dúvidas, desejos e medos (*"O seu lado divino nem sempre compreende o que o lado humano deve fazer: o Cristo-homem só a pouco e pouco apreende como se deve transformar e acabar por se sacrificar na cruz"*). Daí que o filme termine com a crucificação, com o "Tudo está consumado", não apresentando, como os restantes filmes, a ressurreição, cuja função para a institucionalização da doutrina já fora exposta na sequência da "última tentação" aquando do encontro com Paulo. E ao longo de todo o filme Scorsese vai encenando outras imagens que ao longo dos séculos foram representando o drama. São notórias, como já foram por muitos referidas (e o livro de David Thomson e Ian Christie ilustra) as influências da pintura, em particular a "Crucificação" de Antonello de Messina, e "Cristo levando a cruz" de Bosch, plano que Scorsese põe em "slow motion" até o enquadrar quase como o quadro.

The Last Temptation of Christ tornou-se para Scorsese uma obsessão desde que leu o livro de Kazantzakis, que lhe foi oferecido por Barbara Hershey no final das filmagens de **Boxcar Bertha**. E não se poderá ver neste filme já uma sua influência? Compare-se o percurso do sindicalista Shelley, que termina também crucificado, com o de Cristo, e em particular no tema da amizade, e a importância que este tem em **The Last Temptation...**, a que liga Jesus a Judas, que o trai por amor e denunciará a impostura do demónio na última tentação.

Manuel Cintra Ferreira

Texto originalmente escrito antes da entrada em vigor do novo Acordo Ortográfico